3 - Funcionalismo linguístico

Wellington Vieira Mendes
José Roberto Alves Barbosa

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MENDES, W. V., and BARBOSA, J. R. A. Funcionalismo linguístico.
In: CARVALHO, C. I. C., and BARBOSA, J. R. A., ed. *Teorias linguísticas: orientações para a pesquisa* [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2021, pp. 71-99. ISBN: 978-65-87108-25-4.
<https://doi.org/10.7476/9786587108629.0005>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

3

FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Wellington Vieira Mendes

José Roberto Alves Barbosa

3.1 Considerações iniciais

Com a publicação, em 2008, de *The End of Theory: The Data Deluge Makes the Scientific Method Obsolete*, Chris Anderson realizou a provocação que faltava (embora já aguardada e idealizada por meia dúzia de agentes afetivos) nestes tempos de Inteligência Artificial e de artificialidades da inteligência. Na Revista *Wired*, para além da provocação do título, o editor-chefe sentenciou a obsolescência da abordagem científica baseada nos modelos e em suas dependentes/consequentes hipóteses e testes. Diante da magnífica e infinita quantidade de dados armazenados/processados em servidores eletrônicos do mundo todo (e na nuvem, por uma melhor especificação), a eficiência das máquinas em processar correlações – e não causalidades – põe à prova a teoria e faz ruir o edifício dos modelos mais abstratos já imaginados para explicar desde a composição do Universo

até as relações de valência verbal. A clava de Anderson é impiedosa: fora com toda teoria do comportamento humano, da linguística à sociologia, esqueça a taxonomia, a ontologia e a psicologia.

Na continuação do texto, ele vai defender que a descrição pura e simples, mas baseada em dados gigantescos (medida e rastreada com fidelidade sem precedentes – no seu dizer), é o substituto apropriado para questões como “por que as pessoas fazem o que fazem”. A retórica em torno da defesa da importância dos dados não deve diminuir a inquietude do espírito humano – é possível que qualquer um de nós, inclusive o leitor deste texto, já se tenha irritado com respostas do tipo “é assim porque é”! Saber o porquê de as coisas serem como são continua em voga!

A referência ao texto da *Wired* se coloca neste capítulo para contrabalançar o papel que as abordagens linguísticas podem ter na relação com a capacidade de processamento eletrônico de dados massivos. No cenário atual, por exemplo, o conhecido potencial dos aplicativos de tradução no sequenciamento sintático-semântico “com fidelidade sem precedentes” pode esbarrar na incapacidade de significar em contextos específicos (remetemos o leitor ao princípio formalista da clareza máxima, da generalidade máxima), fazendo repercutir sua importância para uma vida objetiva, mas sem nada poder fazer pela subjetividade da pessoa.

Qual o real papel dos dados na ciência? Seguramente, os dados não são uma prova positivista a comprovar ou a refutar uma hipótese – essa ciência já não existe e/ou dela o que muito se aproveita é traduzido nas conspirações que recuperam uma noção de terra plana (com minúsculas mesmo!) e de teocentrismo.

O fato é que todas essas divergências e convergências, que todas essas representações e incursões, que todas as interações e até mesmo o algoritmo empregado no processamento ou na construção de uma interface virtual somente se configura por meio da língua/linguagem. Sem ela, os dados e suas descrições subsequentes não seriam possíveis porque não existiriam no sentido mais ontológico e/ou não esboçariam necessidade pragmática.

Ora, se a linguagem é “um dos ‘meios’ mediante o qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura” (HALL, 2016, p. 18), as nossas representações no plano da realização de escolhas lexicogramaticais e semântico-discursivas (materializadas em textos) deixam rastros dos contextos mais amplos e mais restritos, das ideologias, da natureza das relações e dos movimentos desenvolvidos nos trajetos de interação entre os sujeitos que constroem a realidade por meio da língua/linguagem, não apenas como possibilidade do sistema (passível de descrição pormenorizada por meio de inteligência artificial), mas como necessidade humana ancestral e presente.

Este capítulo¹, portanto, é uma tentativa de dar algum sentido à discussão a respeito de perspectivas linguísticas baseadas em dados, com atenção às causalidades e às correlações, entendendo que as descrições favorecem cada vez mais a compreensão/reflexão acerca das razões de certos usos constituírem o que constituem e de como essa apreensão pode favorecer práticas sociais de significação e de dar sentidos a essas mesmas práticas.

As situações de uso da língua configuram *per se* o objeto principal de qualquer análise funcionalista. Para nós que assistimos ao perigo do empreendimento gerativo (cujo expoente principal foi Noam Chomsky), a possibilidade de compreensão dos diversos fenômenos da linguagem pela perspectiva do funcionalismo linguístico se revela como oportunidade necessária para a proposição de pesquisas ocupadas do uso, da mudança e da variação, entendendo tais mecanismos como constitutivos das línguas naturais e da cultura em que se inscrevem e constroem.

1 Constitui uma recomposição das ideias discutidas em dois artigos: (i) MENDES, W. V. A perspectiva sistêmico-complexa na relação com os estudos da linguagem: experiência com textos acadêmicos. **Diálogo das Letras**, v. 7, n. 1, p. 21-40, jan./abril, 2018; (ii) MENDES, W. V.; SOUZA, M. M. Linguística Sistêmico-Funcional: contextos, usos e significados. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, v. 8, n. 2, p. 603-619, jul./dez 2019.

Como entendemos o funcionalismo em linguística como abordagem ou perspectiva – e não como um paradigma encapsulado –, vamos atentar de modo mais específico para os conceitos propostos pela Linguística Sistemico-Funcional (LSF).

A estrutura de coerência do capítulo se apresenta sob a sequência que apresenta a origem do modelo, passando pelos princípios teóricos mais gerais, a fim de indicar a trajetória metodológica que (re)cria esses mesmos princípios epistemológicos, já que a teoria aqui é entendida como uma elaboração permanentemente afetada e moldada pelo uso linguístico. Logo em seguida, apresentamos um exemplo de interpretação/análise construída a partir da perspectiva do funcionalismo linguístico e retomamos as concepções mais salientes nas considerações finais.

3.2 Surgimento da teoria

As teorias de orientação funcionalista podem ser tidas no momento presente de nosso conhecimento como perspectivas surgidas a partir da desconsideração feita às orientações de base formalista. Todavia, não deve derivar de tal noção a ideia de que o empreendimento funcionalista é algo novo, advindo de uma espécie de “cisma” que convergiu para o surgimento de um paradigma absolutamente recente.

O paradigma funcionalista deve ser visto, pois, como um tipo de conexão com concepções presentes antes mesmo daquelas trazidas por Saussure. Os fenômenos linguísticos do final do século XIX, notadamente estudados sob enfoque sincrônico e diacrônico por Whitney, von der Gabelentz e Hermann Paul impuseram a percepção, a orientação epistêmica de que esses fenômenos devem ser estudados a partir de imperativos de natureza psicológica, cognitiva e funcional.

A ideia de um “novo” paradigma já podia ser encontrada também na Escola de Praga, destacando-se especificamente o Roman Jakobson, cuja ampliação do conceito de função da linguagem incluiu os participantes

da interação. Mas a visão funcionalista ganha destaque na tradição antropológica americana, a partir dos trabalhos de Sapir e Whorf. É também nos Estados Unidos que muitas escolas de corrente funcional vão surgir, tendo como referência Givón, Thompson, Chafe, Hopper – na Califórnia; Lakoff e Langacker – em Berkeley.

No Brasil (e, de modo mais pontual, na Região Nordeste), os pesquisadores das universidades públicas concentraram atenção ao modelo norte-americano, tendo Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 22) apontado como o paradigma funcionalista compreende a noção de gramática na realização das línguas:

A gramática das línguas naturais se molda a partir das regularidades observadas no uso interativo da língua, as quais são explicadas, por sua vez, com base nas condições discursivas em que se verifica a interação sócio-comunicativa. A gramática é, pois, vista como um sistema flexível, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia.

Desse registro, fica explicitada a noção de sistema, que, embora não seja tão fortemente difundida na linguística funcional norte-americana, é a concepção basilar da teoria sistêmico-funcional, nomeadamente Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Nos anos de 1960, essa perspectiva teórica foi postulada por Michael Alexander Kirkwood Halliday, para quem a linguagem é proposta a partir de um sistema social e cultural, o que implica, necessariamente, interpretá-la dentro de um contexto sociocultural em que tal processo se realiza.

O modelo de Halliday se desenvolve com bases da antropologia e da linguística e toma por base a noção de operar escolhas na envolvimento de outras escolhas, expandido os princípios a outras abordagens teórico-metodológicas como Potencial de Estrutura Genérica (HASAN, 1989), Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992, 1993), Gramática do

Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996), Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), entre outras.

3.3 Princípios teóricos

Na concepção hallidayana, a linguagem é proposta como um sistema social ou cultural, o que implica, necessariamente, interpretá-la dentro de um contexto sociocultural em que tal processo se realiza. Dito de outro modo, a linguagem pode ser entendida como uma manifestação semiótica, já que, no dizer de Halliday (1994), ela se constitui como uma forma de representação da experiência humana, quer seja na “realidade” presente/percebida no meio físico ou concreto, quer seja na “realidade” idealizada/fabricada em nosso interior, num plano mais abstrato.

A abordagem se classifica como sistêmica porque compreende a língua como redes de sistemas linguísticos, em cuja interconexidade configuram-se as possibilidades de significar e atuar no mundo. Dessa condição, deriva sua natureza funcional, já que os significados é que explicam as escolhas mobilizadas na estrutura gramatical.

Nessa corrente de pensamento, a linguagem pode ser entendida como uma manifestação sócio-semiótica porque, no dizer de Halliday e Martin (1993), constitui-se como uma forma de representação da experiência humana quer seja na “realidade” presente/percebida no meio físico ou concreto, quer seja na “realidade” idealizada/construída em nossa mente, num plano mais abstrato, e todos os usos têm relação com as necessidades próprias de nossa relação com a comunidade. Desse entendimento mais amplo, deriva a noção das metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Halliday (1994) é quem explica que tais metafunções apresentam o sentido próprio da teoria da LSF: todo texto é multidimensional e, portanto, realiza mais de um significado simultaneamente.

Uma boa maneira de compreender a linguagem pela formulação da LSF é admitir que os significados se realizam a partir de uma concepção

metafuncional e estratificada, em que os sentidos interpessoais, ideacionais e textuais ocorrem simultaneamente para a construção dos significados no texto e em que, ao mesmo tempo, as escolhas em um estrato projetam construções no estrato seguinte. As escolhas no estrato grafofonológico são a realização das escolhas do estrato léxico-gramatical. Estas, por seu turno, estão realizando escolhas no estrato semântico-discursivo, sendo que tais escolhas ocorrem em contextos de cultura e de situações distintos. (VIAN JÚNIOR; MENDES, 2015, p. 164).

Essa conceptualização de realizações de sentidos por processo de estratificação é mais claramente expressa na Figura 1, em que Halliday (1978) caracteriza o modelo semiótico de linguagem:

Figura 1 – Estratificação

Fonte: Elaborada a partir de Halliday (1978).

A linguagem, na orientação epistemológica da LSF, é uma realidade da cultura, da vida social de seus agentes, de suas relações consigo mesmos e, também, da necessidade inseparável da relação com o ambiente físico. Nesse caso, como bem lembra Halliday (1973), a linguagem é também um meio central de promoção da cultura nas relações cotidianas, nos mais diferentes espaços, tanto como condição de representação da experiência no mundo físico, social e psíquico, quanto como condição de estabelecer identidades e afinidades grupais, de modo a se construir e transmitir uma visão específica de mundo, uma cultura, portanto.

Por esse turno, pensar os contextos (desde o mais geral e o imediato da situação comunicativa até o *background* mais amplo da cultura), significa levar em conta que um modelo teórico de estudo da língua baseado nos usos não pode abstrair os sentidos que são próprios das relações sociais e das diversas maneiras como essas relações configuram os discursos e seus efeitos (ideologias) e por eles são também transformadas. É a partir da tradição dos estudos de Bronisław Kasper Malinowski que Halliday propõe a configuração de uma realidade linguística que potencializa as funções da linguagem (os usos, por assim dizer) e que realiza necessidades humanas: (i) acima dos sistemas funcionais, estariam os contextos de cultura e de situação; (ii) abaixo e partir dos sistemas, estariam as funções de expressar a experiência, no desempenho de papéis sociais, estabelecendo relações de significados nos próprios enunciados.

A fim de ilustrar essa discussão, apresentamos o Quadro 1:

Quadro 1 – Contextos e sua relação com as metafunções e sistemas

Nível acima do sistema		Nível do Sistema		
Cultura	Situação	Metafunção da linguagem	Sistema lexicogramatical	Atividade
	Campo	Ideacional	Transitividade	Representar a experiência
	Relação	Interpessoal	Modo	Deflagrar relações sociais
	Modo	Textual	Tema	Organizar os textos

Fonte: Mendes e Souza (2019, p. 609).

Os significados ideacionais, interpessoais e textuais de metafunções cumprem papel funcional na construção de sentidos, por meio de estruturas distintas, com organização semântica própria. Os sistemas realizam na lexicogramática os sentidos do nível semântico-discursivo. Esse nível contempla todas as possibilidades de escolhas linguísticas para um sujeito em determinada situação de interação. Tal sistema de opções é, *per si*, a gramática, ou seja, o potencial de realização em que o sujeito da língua faz uma espécie de seleção a partir das opções disponíveis no sistema e considerados os contextos acima dele.

Para cumprir essas funções, o sistema realiza três metafunções: (i) *ideacional* – responsável por expressar as experiências do sujeito, incluindo o mundo externo e o mundo interno de sua própria consciência; (ii) *interpessoal*: responsável por estabelecer e manter as relações entre os interagentes: estabelecer e manter relações, influenciar, expressar pontos de vista, sugerir etc.; (iii) *textual* – responsável por manter ligações entre a própria linguagem e as características da situação de interação, organizando os significados ideacionais e interpessoais como discurso, conforme Halliday e Matthiessen (2014). E cada uma dessas metafunções se concretiza na lexicogramática, respectivamente, pelos sistemas de transitividade, de modo e de tema.

No nível extralinguístico, as concepções de ideologia e de contexto de cultura são importantes porque, para uma descrição mais adequada da língua, necessário se faz agregar algo que esteja além da situação imediata de interação e da própria instanciamento textual, tendo em conta que, no momento de enunciar qualquer mensagem, os sujeitos também carecem de conhecimento sociocultural mais amplo que lhes permita interpretar e dar sentido tanto ao que é verbalizado quanto ao que acontece durante a situação interativa. Nas situações reais de uso da língua, os contextos precedem os textos e, desse processo de instanciamento, constitui-se também o sujeito que, por sua sucessão e reciprocamente, cria os contextos em que a linguagem significa. O discurso, por essa circularidade ininterrupta, pode ser considerado como um potencial da cultura, da ideologia.

3.4 Metodologia para a pesquisa

Os estudos em LSF se configuram pela realização de movimentos, cujo paradigma é também um empreendimento das pesquisas realizadas nas Ciências Sociais e Humanas, sendo sua associação possível aos estudos da linguagem. Em geral, são os movimentos: 1. Revisão da literatura; 2. Seleção de *corpora*, sujeitos e documentos e composição de um quadro de amostras; 3. Apresentação/análise dos dados.

Em trabalho intitulado *A perspectiva sistêmico-complexa na relação com os estudos da linguagem: experiência com textos acadêmicos*, Mendes (2018) sugere, a partir do conjunto epistemológico proposto por Halliday, que a língua (uma construção possível no sistema social e cultural) é somente passível de interpretação e compreensão metalinguística também na inscrição desse sistema social e cultural.

Assim, a conceptualização de realizações de sentidos por processo de estratificação (expressa na Figura 1, que dispusemos na seção anterior), caracteriza seu modelo semiótico de linguagem, mas não somente ele. A noção de estratificação é importante composição para o entendimento de

como a pesquisa pode se configurar em LSF. Por esse viés, o paradigma sistêmico-funcional é também uma proposição de natureza metodológica por possibilitar a compreensão de certos fenômenos da linguagem, sem excluir sua conexão com os demais estratos. A título de ilustração, se o pesquisador estiver analisando um fenômeno que se apresenta no estrato da **fonologia** (e até mesmo da fonética), a melhor forma de compreendê-lo ou de interpretá-lo será pela recorrência ao estrato **lexicogramatical** (mais próximo), passando pelo estrato **semântico-discursivo**, até chegar aos **contextos** que o motiva.

A interconexidade de todos os elementos que participam das condições de construção de sentidos é um fenômeno a que deve estar atento o pesquisador, sobretudo porque a interpretação deste ou daquele texto vai depender e muito do modo como a observação dessas relações é criada/mantida/recuperada ao longo dos episódios comunicativos, com vistas a seus propósitos particulares.

Mais recentemente, temos chamado esse cuidado epistêmico de perspectiva sistêmico-complexa, como anota Vian Junior (2018, p. 356-357):

compreende os fenômenos em sua auto-organização e o modo como se relacionam com outros sistemas, indo ao encontro do paradigma proposto por Morin nas ciências da complexidade de uma interligação de saberes que imprime, aos contextos de práticas hipermodernos, a necessidade de resignificação de muitos de seus fenômenos.

A proposição de um pensamento sistêmico-complexo implica, pois, a compreensão de uma perspectiva que conecta sistemas e complexidade, não sendo pura e simplesmente a intersecção desses dois conceitos – que já abrigam um sem-número de definições. Essa proposta enfatiza a visão de totalidades integradas, costumeiramente manifestas no uso de terminologias como *conexidade*, *relações*, *padrões* e *contexto*; e, *complexidade* como

a *interconexidade* que existe nas redes, cuja compreensão deve se pautar na não linearidade e na dinamicidade dos fenômenos (CAPRA; LUISI, 2014).

Logo, entendemos que pensamento sistêmico-complexo e interconexidade se realizam nas totalidades integradas em redes e em padrões perceptíveis nos diferentes contextos. Ilustramos a abordagem sistêmico-complexa com o exemplo de interpretação tratado na próxima seção, em que a totalidade é tomada para se chegar às conclusões, a partir do sistema-de-interesse² analisado.

Como defendido em Mendes (2016, 2018), reforçamos que a perspectiva sistêmico-complexa não se ajusta às ideias de sucessão e hierarquização, posto que o todo não pode ser reduzido ao conjunto sintético resultante da soma de elementos e com a propriedade de ser um desenho mais facilmente apreensível da realidade, justamente pelo fato de os elementos que se configuram no sistema, mesmo que organizados e dispostos diferenciadamente; mesmo que, pelas necessidades e condições de pesquisa, possam ser tomados num recorte textual “pinçado” para amostra, não são e não devem ser explicados fora desse sistema.

A metodologia da abordagem da pesquisa, a partir do pensamento sistêmico-complexo, é representada na Figura 2, composta a partir de círculos cotangenciais bastante recorrentes nas ilustrações da LSF:

2 A perspectiva epistêmica/metodológica e, portanto, complexa apresenta alternativa a também válida terminologia de “objeto de estudo”, qual seja: “sistema-de-interesse”. A ideia de sistema-de-interesse remete ao conjunto de elementos que são tomados na interpretação/compreensão de um determinado fenômeno. Entendido na sua relação com os demais, o sistema-de-interesse é o ponto de convergência do estudo ou a perspectiva a partir da qual se deseja entender a totalidade, desde a zona de atividades/sentidos (SILVA, 2016; MENDES, 2016, 2018).

Figura 2 – Perspectiva sistêmico-complexa da pesquisa em linguagem

Fonte: Mendes (2018, p. 28).

Entendemos, a partir da ilustração, que a pesquisa se realiza nos/dos próprios contextos em que os sistemas discursivos significam, e sua interpretação também ocorre nesses mesmos contextos e sistemas, de modo que os resultados decorrem do caráter interpretativo e da compreensão da relação entre o sistema-de-interesse, o pesquisador e o contexto pontual, temporal em que o trabalho toma forma e apresenta sua função ou contribuição.

Nessa direção, o trabalho de Vian Junior (2014) apresenta percursos metodológicos bastante recorrentes no paradigma da LSF, indicando a natureza dinâmica e articulada com que a teoria da LSF permite a interpretação da linguagem. Assim, a metodologia em LSF, quase sempre, implica a (i) composição de *corpora* que representem o fenômeno a ser estudado; (ii) estudo acerca dos aspectos contextuais de onde emergem os textos desses corpora; (iii) seleção de aspecto linguístico enfocado; (iv) definição de como os textos podem ser submetidos à análise; (v) quantificação; (vi) busca por padrões lexicogramaticais; (vii) busca por respostas qualitativas, a partir da quantificação; (viii) definição sobre o modo como o texto-con-

texto representa a realidade, construções identitárias e/ou demais relações de poder (VIAN JUNIOR, 2014, p. 441).

Esses movimentos, aqui defendidos, como possibilidade e não como trajetória de obrigação, também foram reanalisados em Mendes (2018), numa espécie de modelo sinótico da proposta da Figura 2 (apresentada antes):

Quadro 2 – Síntese da abordagem sistêmico-complexa e da estratificação de Martin (1992)

Perspectiva adotada	Definições operativas da abordagem sistêmico-complexa	Estratificação do mundo extra/intralinguístico	
Perspectiva sistêmico-complexa	Marco que orienta o pesquisador, em que se inscrevem as concepções teóricas e os procedimentos subjacentes ao estudo	Orientação ideológica geral Contexto de cultura (gênero) Contexto de situação (registro)	Extalínguístico
Sistema-de-interesse	Fenômeno passível de interpretação dentro de outros sistemas, comumente construído/significado no estrato semântico-discursivo.	Sistema semântico-discursivo	Intralínguístico
Corpus	Conjunto de dados linguísticos em que se pode identificar o sistema de interesse pelas realizações na léxico-gramática.	Sistema lexicogramatical	
Amostras	Porção de texto resultante em realizações de forma, passíveis de serem interpretadas à luz do modelo sistêmico-complexo.	Sistema grafonológico	

Fonte: Mendes (2016, p. 30).

Na seção a seguir, apresentamos uma experiência com a perspectiva teórico-metodológica de que tratamos nesta parte, de maneira tal de que

o leitor possa compreender os movimentos pragmáticos relacionados ao pensamento sistêmico-complexo a partir da abordagem da LSF.

3.5 Recorte de uma pesquisa

Nesta parte, apresentamos, como recorte de uma pesquisa, a análise das circunstâncias, como papel do Sistema de Transitividade como concebido pela LSF, em *blogs* da revista Época on-line, sistema-de-interesse estudado por Mendes (2010)³ e cuja interpretação é parcialmente recuperada de seu capítulo de análise.

As circunstâncias estudadas no trabalho foram relacionadas às funções dos *processos* e *participantes* associados, especialmente porque a concepção de circunstância que fora reconhecida é absolutamente diferente da conhecida pela tradição gramatical, que entende o circunstante como palavra responsável por modificar um verbo, adjetivo ou um advérbio – não estabelecendo diferença entre este último e circunstância (NEVES, 1996).

Como propôs o autor, a pesquisa das circunstâncias tinha também a finalidade de ampliar o entendimento a respeito do “como” esses papéis do Sistema de Transitividade constitutivos/envolvidos se realizam, de modo a compreender os mecanismos mobilizados para a construção dos significados opinativos no *blog*.

Foram analisadas setenta e cinco postagens de quatro *blogs* (Diário do Centro do Mundo, Paulo Moreira Leite, Blog do Nelito e Guilherme Fiuza), com *corpus* de mais 25 mil palavras, nas quais foram identificadas um total de 422 circunstâncias de variados significados ideacionais. As circunstâncias foram identificadas a partir da configuração **sintagmas adverbiais**, **sintagmas compostos por preposição + sintagma nominal** (determinado ou não) e **sintagma nominal + sufixo** – *mente*, modificando *processos*.

3 O texto desta seção reapresenta parte dos dados da pesquisa de mestrado desenvolvida por Mendes (2010) no Programa de Pós-graduação em Letras/CAPF/UERN, cuja referência encontra-se neste livro.

A partir deste ponto, apresentamos mais detalhadamente a interpretação dessas circunstâncias. Nos exemplos dispostos a seguir, é possível analisar o comportamento das circunstâncias de extensão nos processos materiais. Para favorecer a identificação dos papéis do Sistema de Transitividade, as circunstâncias de extensão destacam-se em negrito, e os processos, sublinhados:

(01) Mergulhei no caso, e senti uma imediata antipatia pelo policial português Gonçalo Amaral, que chefiou as investigações **durante cinco meses** e depois foi afastado (B1L224-225).

(02) Jornalista formada pela Universidade de Brasília, Juliana Poletti sempre dividiu sua atenção entre reportagens sérias, de temas políticos e questões internacionais, e a música de qualidade. Estudou piano **por três anos**. (B2L670-672).

(03) Como vocês se lembram, espalhou-se **na semana passada pelo mundo** um sentimento de perplexidade raivosa depois que foi publicado um documento de 2.600 páginas que descrevia violências “endêmicas” em crianças submetidas à guarda da Igreja Católica na Irlanda **entre 1930 e 1990** (B1L331-335).

Todas as ocorrências de circunstâncias de [01] a [03] estabelecem temporalmente o desenrolar das ações expressas, respectivamente, pelos *processos materiais* “chefiar”, “estudar” e “espalhar”, corroborando igualmente para a construção do sentido nas sentenças. Nos dois primeiros casos, os processos indicam mudanças físicas perceptíveis, ações no mundo concreto. Em [03], porém, o processo estabelece um fenômeno abstrato: espalhar sentimento de perplexidade raivosa, por exemplo, é algo que somente pode ser compreendido num plano de representação menos concreto e, portanto, metafórico – cujos sentidos somente podem ser tomados numa comunidade de sujeitos que compartilham dos domínios representados na relação fonte/alvo.

A esses processos se associam as circunstâncias de extensão temporal. No exemplo de [01], o participante ator “Gonçalo Amaral”, retomado pelo relativo “que”, conduz investigações numa determinada extensão temporal que é claramente expressa: “durante cinco meses”. O autor da postagem, ao demonstrar explicitamente seu descontentamento com o policial (que tratou, no início das investigações, do desaparecimento da criança Madeleine, na noite de 3 de maio de 2007), tenta, ao logo do texto, desqualificar o trabalho empreendido pelo investigador e se vale da circunstância de extensão temporal possivelmente para sugerir morosidade, lentidão nas investigações. O emprego desse tipo de circunstância em [01], mais do que explicitar uma relação de duração temporal, sugere a necessidade de endossar a opinião (*Amaral é um tipo truculento, tem ares de dono da verdade, fala muito, um fanfarrão—mas não resolveu nada no caso de Madeleine.* – B1L226-228) num dado que tem relevo: a atuação nas investigações durante cinco meses.

Fenômeno semelhante ocorre em [02]. Para atribuir ao enunciado o fato de que a jornalista Juliana Poletti tem conhecimento musical um caráter persuasivo, o autor da postagem se vale do período de tempo em que a profissional se dedicou ao estudo do piano (três anos). Atentemos, assim, que o uso da circunstância reforça a ideia por ele defendida no enunciado anterior, contribuindo para o entendimento de que esse papel do Sistema de Transitividade tem função importante na construção da opinião.

Já as circunstâncias presentes em [03] estão associadas a um processo material que denota não uma experiência perceptível no mundo, mas que pode ser entendida em um plano mais abstrato. O blogueiro faz uso de uma circunstância de localização temporal, seguida de duas de extensão: uma espacial e outra temporal. “Pelo mundo” engrandece, num movimento hiperbólico, o “sentimento de perplexidade raivosa” que o autor demonstra pelo comportamento da Igreja Católica na Irlanda. Quando se empregou a circunstância “pelo mundo”, o autor possivelmente pretendia sugerir/ estabelecer o repúdio que todo o mundo deve sentir pelo comportamento

violento da Igreja, no período de 60 anos (expresso pela circunstância entre 1930 e 1960), posto não haver garantia de que o documento de 2.600 páginas (ou mesmo a notícia sobre ele) tenha chegado ao conhecimento das pessoas em todos os lugares do mundo. Logo, ao apresentar as circunstâncias antepostas ao participante meta “um sentimento de perplexidade raivosa”, o blogueiro pretendia chamar a atenção do leitor (alcance do problema) para o assunto apresentado.

Ainda sobre a mesma temática, o exemplo [04] apresenta uma circunstância de duração temporal que expressa bem o papel das escolhas no plano da LSF:

(04)... Especula-se que o montante de indenizações vá chegar a 3 bilhões de reais.

Veja aqui um vídeo em que uma mulher relata a (má) experiência que viveu, **durante a infância e a adolescência**, num abrigo da Igreja.

Soube-se também que o Papa será inteirado dos fatos. (B1 L372-376).

O processo viver está sequenciado por dois tipos de circunstâncias: a primeira, em negrito, de extensão tempo; a segunda, sem grifos, de localização espacial. Nesse caso, o uso da circunstância “durante a infância e a adolescência” apoia o argumento da maldade que envolve a exploração sexual em fases específicas da vida do agente experienciador de tal abuso. Ao invés de dizer “durante quinze ou dezesseis anos”, o blogueiro sugere que a exploração sexual não teve como agravante apenas o fator tempo e sua duração, mas, principalmente, as etapas de vida da pessoa envolvida, para sugerir que o crime é ainda mais cruel por ter sido praticado em crianças ou adolescentes.

Vejamos que a escolha da circunstância, nesse exemplo específico, não foi de modo algum aleatório, posto que, no desenvolvimento argumentativo, ela melhor se ajustaria à proposta de enunciar a violência legal, com características de crime de pedofilia, em que figura como autora a Igreja Católica na Irlanda. Isso fica mais sensivelmente percebido quando o autor

“ordena” que se assista a um filme sobre essa situação: “Veja aqui um vídeo [...]”. O vídeo, que poderia ser executado por meio de *link* disposto no *blog*, é como que a prova completa para aquilo que denuncia. A mulher que “relata a (má) experiência [sic.] que viveu” naturalmente vai aludir ao tempo que passou (infância/adolescência) num abrigo da Igreja, corroborando para a verdade pretendida pelo autor da postagem.

Ora, se fizesse uso de outras escolhas de circunstâncias para representar temporalmente a duração do evento, como se pode ver em (01) e (02), por exemplo, o autor poderia não lograr êxito na ofensiva contra a Igreja, a quem são atribuídas as responsabilidades pelos crimes de pedofilia e, não somente, pelos atos de exploração sexual menos invasiva em determinado período.

As circunstâncias de duração temporal menos precisas, ou a referência a um período convencionalmente sabido pelo leitor, têm valores diferenciados dentro do texto do *blog*. Em (04), é possível compreender a intenção de melhor representar o tempo de ocorrência do fato/evento, aludindo a certo período da vida dos sujeitos envolvidos. Em outros casos, circunstâncias que podem exprimir certa imprecisão temporal apresentam finalidades diferentes, como se pode ver em (05):

(05) Peter Singer **desde muito tempo** sonha com um mundo menos errado, em que não morram 27 000 crianças por dia.

Mas não apenas sonha. Também age. (B1 L036-038).

Nesse outro caso do *corpus*, o processo mental “sonhar” está determinado pela circunstância de extensão temporal “desde muito tempo”. Aqui é possível perceber que a imprecisa duração do desejo/sonho não tem a finalidade de representar, por entendimento de convenção esta ou aquela do leitor, outro estado de coisas. Porém, a seleção de “desde muito tempo” deve ter tomado como parâmetro outra situação para a qual não é possível estabelecer um marco inicial/final: um mundo errado. Ou seja, não é possível saber há quanto tempo o participante ator, Peter Singer,

sonha com um mundo melhor, porque, pela mesma lei, não é possível determinar desde quando o mundo está “errado”.

É preciso que se diga também que a não exatidão circunstancial pode ter relação direta com o tipo de processo. Como se trata de um processo mental, cuja representação é frequentemente relacionada a crenças, valores, desejos e expressam as experiências do “sentir”, a pouca precisão do tempo talvez sirva ao propósito de não demarcar as fronteiras do início/fim. Se, em lugar do processo mental, houvesse sido empregado um processo material (trabalhar, construir etc.), eventualmente poderia ter havido a predileção por uma circunstância que pudesse expressar duração de tempo com mais justeza, dado que a ação estaria acontecendo no plano concreto, perceptível.

Essa possibilidade é reforçada por esta outra ocorrência de circunstância de duração temporal em processos mentais:

(06) Já não sei há **quantos anos** Alencar enfrenta o cancer. Perdi a conta de quantas cirurgias já fez. A impressão é que um tumor desaparece apenas para dar lugar a outro. (B2 L777-779).

Embora a circunstância “quantos anos” se refira mais diretamente ao processo “enfrentar”, da oração encaixada, o processo mental “saber” é complementado pela dificuldade de estabelecer o tempo que o autor da postagem julga não poder determinar da luta do vice-presidente José Alencar contra o câncer. O uso da circunstância em [06], referindo-se ao processo material e complementando o processo mental, tem em vista o enaltecimento da figura de Alencar. Naturalmente, para o autor do *blog* (Paulo Moreira Leite), que tem vivência e experiência na imprensa (17 anos de jornalismo, conferir p. 61), seria possível determinar quando foi diagnosticado o câncer do vice-presidente, considerando mais ainda que é informação recorrente na mídia cada nova intervenção ou tratamento de José de Alencar. Porém, ao afirmar não saber “há quantos anos Alencar enfrenta o cncer [sic.]”, o jornalista se mostra impressionado pelas inúmeras superações do agente (*Perdi a conta de quantas cirurgias já fez*), demonstrando,

por sua vez, que o lapso de tempo é “pretexto” para valorizar a forma como se comporta o vice-presidente diante de seu problema de saúde.

Ainda no mesmo *blog*, é possível identificar o uso de circunstâncias que se valem de imprecisão temporal para reforçar determinada tese do autor. Diferentemente do que ocorre em [06], nos exemplos que seguem, o blogueiro expressa uma representação de extensão temporal imprecisa menor para enaltecer, valorizar (ou falsear um desconhecimento com o propósito de elevar a outrem) e, mais, para afluir com os argumentos que propõe na defesa de sua opinião.

Na primeira ocorrência, o autor está se posicionando acerca das cotas nas universidades pública; na segunda, lamenta o fim do jornal *Gazeta Mercantil*:

(07) Acho que um país como o Brasil não tem o direito de excluir de suas melhores universidades, **durante várias gerações**, aqueles estudantes que, em exames tecnicamente isentos — sem privilégio de origem, raça ou gênero — podem demonstrar que tem maior preparo e competência para frequentar seus cursos. (B2 L812-816).

(08) Precisam de história para encontrar seu lugar, crescer e mostrar o que tem a dizer para homens e mulheres de seu tempo e, por fim, tornar-se parte da cultura de um país. Fundada em 1920, a *Gazeta* fez isso **durante décadas**. (B2 L857-859)

Paulo Moreira Leite (B2), na postagem em que discute a temática das cotas para negros e/ou estudantes de escolas da rede pública nas universidades estaduais/federais que regulamentaram a legislação, posiciona-se contra o sistema que estabelece percentual de vagas para esses alunos. O processo material “excluir”, a que se associa a circunstância “durante várias gerações”, está na base de sua retórica: para o autor, o sistema de cotas é excludente, na medida em que estudantes com “maior preparo e competência” podem ser impedidos de admissão em cursos, em função das cotas. A circunstância empregada pelo blogueiro é importante porque

se vale do argumento daqueles que são a favor das cotas, de que há uma dívida de gerações em desfavor das classes mais marginalizadas historicamente pela sociedade: os negros/os pobres.

Quando o autor menciona não ser justa a exclusão, nas melhores universidades, de estudantes preparados, em exames isentos, a circunstância “durante várias gerações” apresenta duas proposições principais: a primeira é de que o sistema de cotas pode estar privilegiando um grupo em detrimento de outro – como pode ter ocorrido com a discriminação racial; segundo, que o sistema de cotas pode perdurar por algumas gerações. Em outras palavras, o emprego da circunstância estabelece uma hipótese na defesa da tese do blogueiro, para quem o sistema de cotas não contribui para a diminuição da exclusão, mas apenas para mantê-la por outro viés.

Antes de passar à análise da ocorrência [08], já anunciada, cabe aqui, por semelhante valor, a interpretação de outra ocorrência em que figura a circunstância “por cinco gerações”, no *blog* 4 – Guilherme Fiuza:

(09) A caixa preta da contabilidade petrolífera daria para bancar as estripulias dos deputados e senadores **por cinco gerações**. Manipulam o preço do óleo como bem entendem, vivendo num paraíso monopolista pós-soviético – pura jogatina com fachada de indústria. (B4 L1879-1882)

Na ocorrência anterior, o uso de “por cinco gerações” tem valor semelhante ao que ocorre em (07). Porém, nesse caso, o autor pode estar fazendo ironia/associação relacionada à contabilidade da Petrobrás e ao fato de a sucessão de deputados/senadores estar apresentando características de hereditariedade no Congresso Nacional, onde alguns legisladores têm elegido seus filhos, netos para mandatos parlamentares. Mais do que isso, o autor pode também estar sugerindo que os regimes de pagamento de propinas, frequentemente investigados pelos próprios deputados/senadores, pode se estender ainda por vários anos, graças ao volume financeiro movimentado pela estatal do petróleo.

Em comum, as ocorrências (07) e (09) têm a intrínseca correspondência entre a convenção temporal (por gerações) e o fato a que estão associadas (dívida social/sucessão no poder). O emprego, portanto, desse tipo de circunstância sugere que a intenção do autor (persuadir, ironizar, expor) pode ter no tempo e nas suas convenções (gerações, décadas etc.) uma base capaz de apoiar a discussão a favor de seu ponto de vista ou de sua opinião.

Depois desse aditamento, em (08) o autor do *blog* 2 lamenta o fechamento da Gazeta Mercantil, entre os meses de maio de junho de 2009. “Durante décadas” é a circunstância de que se vale o autor para confirmar sua apreciação pelo trabalho do jornal em questão. Nesse caso, seria possível determinar, se fosse esse o caso, o número de anos de atuação da Gazeta Mercantil, já que o blogueiro situa o leitor quanto à data de fundação do jornal (1920). Porém, quando preferiu empregar a circunstância em destaque, é possível que o escrevente tenha pretendido não se comprometer acerca da integralidade do tempo para o qual faz suas deferências. Ou seja, afirmar que a Gazeta Mercantil teve papel relevante no dizer da cultura de homens e mulheres, “durante décadas”, é, possivelmente, diferente de dizer que esse jornal teve papel relevante durante 89 anos, ou durante oito décadas. Ou, contrariando tudo que foi dito até aqui, ao enunciar “durante décadas”, depois de ter enunciado o ano de fundação do jornal, o blogueiro já esperava a precisão temporal por parte do leitor e, sendo assim, pouca relevância poderia ter a configuração morfológica da circunstância.

Porém, do ponto de vista das escolhas (nos planos léxico-gramatical e semântico), o emprego de “durante décadas” reforça o caráter sério e competente que o blogueiro atribui ao jornal, durante seus anos de atividade – razão esta que conduz autor da postagem a lastimar pelo fechamento da Gazeta.

No *Blog* do Nelito (B3), há exemplo semelhante: neste, todavia, não há marco temporal inicial que permita estabelecer com precisão a duração de tempo:

(10) **Durante anos**, Lula foi a cara do PT. E o PT foi a cara de Lula. Quem tentou internamente desafiar o barbudo teve que colocar as barbas de molho. (B3 L1204-1205).

O processo relacional “ser” está antecedido pela circunstância “durante anos”. Nelito, ao discutir a sucessão presidencial, trata da influente figura de Lula no partido que ajudou a fundar: o Partido dos Trabalhadores (PT). Ao aventar que a sucessão possa ser conferida a esse partido, ou pelo menos discutindo o(a) possível candidato(a) do referido partido para eleições presidenciais, o autor inicia sua declaração com a circunstância que tenta assemelhar Lula e o PT, indicando, por conseguinte, que as tentativas de “desafiar” essa realidade não foram bem sucedidas. Ora, no decurso de sua postagem no *blog*, Nelito apresenta a possibilidade de um terceiro mandato de Lula não simplesmente por uma eventual popularidade do presidente, mas porque o PT não teria outro nome para concorrer às eleições presidenciais. A circunstância (durante anos), dessa forma, reforça a ideia de que o tempo em que o partido esteve associado/identificado ao nome do presidente Lula permitiu a não ascensão de nenhum outro partidário.

Nesse mesmo *blog*, a temática das cotas, já tratada por Paulo Moreira Leite, é também discutida. O autor, ao demonstrar acompanhamento sistemático do assunto pela mídia, também assevera sua produção em torno da questão:

(11) As cotas já foram suspensas, já voltaram, já caíram e ressurgiram. Cubro o assunto há **pelo menos seis anos**, já devo ter feito umas 15 matérias sobre isso. Aqui é um espaço onde eu teoricamente devo ter uma opinião. (B3 L1167-1169).

Nessa ocorrência, a circunstância “pelo menos seis anos”, associada ao processo material “cobrir” (expressão do jornalismo que corresponderia a “acompanhar”), indica o tempo em que o blogueiro tem se dedicado à discussão sobre as cotas. Além disso, há também certa sugestão de movimento/mudança de comportamento do tema (*As cotas já foram suspensas, já*

voltaram, já caíram e ressurgiram.). Quando o autor afirma estar envolvido com esse assunto há mais de seis anos, é possível que esteja pretendendo sugerir que o tema é ainda muito polêmico e, portanto, carente da opinião a que se propõe no *blog* (*Aqui é o espaço onde eu teoricamente devo ter uma opinião*). Ora, se num curto espaço de tempo, já ocorrem diversas mudanças em relação ao entendimento do sistema de cotas, isso pode significar que o assunto não é caso fechado. O uso da circunstância em questão implica, portanto, que sua opinião, seus posicionamentos ainda não se esgotaram ([...] *já devo ter feito umas 15 matérias sobre isso*).

Pelo que foi disposto até aqui, é possível compreender que as circunstâncias de extensão temporal no *blog* são mais recorrentes que as espaciais. Isso pode decorrer do fato de que, para conferir certo caráter de verdade a esta ou àquela opinião, o período de tempo em que se configurou determinada ação é mais relevante que o espaço. Ou ainda, a forma de identificar esse local físico, em que tais ações ocorrem, pode estar expressa pelas circunstâncias de localização, bem mais frequentes no *corpus*, e objeto da próxima seção. Mencionamos, ainda, que as circunstâncias de extensão desempenham papel importante na composição argumentativa/persuasiva dos textos do *blog*, na medida em que reforçam ideias, confirmam apreciação, aduzem raciocínios, valorizam características/qualidades de entidades, pessoas ou temas a que se proponha discutir ou opinar.

3.6 Considerações finais

Neste capítulo, tivemos por finalidade principal trazer até o leitor as concepções que traduzem o paradigma do funcionalismo linguístico, com enfoque específico na abordagem da LSF, indicando a possibilidade de seu emprego como construção teórico-metodológica capaz de explicitar as razões/motivações dos usos e mudanças pelas quais passam as línguas naturais, entendendo que os dados desses usos configuram a materialidade por meio da qual se pode partir para a descrição.

Em qualquer de duas formas, o funcionalismo linguístico está estreitamente vinculado ao uso, sendo esse conceito caro ao empreendimento de pesquisar a especificidade da língua nas suas mais variadas realizações na cultura. A concepção de função (tal como para Bronisław Kasper Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental*) figura como mecanismo que permite dar sentido, com base em dados aparentemente caóticos, aos diversos sistemas que configuram e criam a linguagem e, por conseguinte, ao mundo por ela elaborado.

As concepções centrais foram apresentadas, tomando por base uma pesquisa realizada com orientação no modelo funcionalista, cujo interesse foi ampliar o entendimento acerca das circunstâncias do Sistema de Transitividade, a fim de compreender os mecanismos mobilizados para a construção dos significados opinativos em *blogs*.

Por fim, o capítulo, assim como toda a obra, é mais um convite à problematização, uma chamada ao movimento de não aceitar como verdadeiro tudo aquilo que “logicamente” tem sido dado como paradigma dominante, uma provocação para se pensar o papel da Linguística e de seus cientistas nestes tempos em que as máquinas se propõem fazer, com fidelidade e precisão ainda não registradas, tudo aquilo que construímos à maneira da espécie humana.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pierre Luigi. **A visão sistêmica da vida**: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.

FAIRCLOUGH, Norman. Critical discourse analysis and the marketization of public discourse: the universities. **Discourse & Society**, n. 4, v. 2, p. 133-168, 1993.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and social change**. Cambridge, UK: Polity Press, 1992.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e seus contextos de uso**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1973.

- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MARTIN, James Robert. **Writing science**: literacy and discursive power. London: Falmer, 1993.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood; MATTHIESSEN, Christian Mathias Ingemar Martin. **Construing experience through meaning**: a language-based approach to cognition. London; New York: Continuum Publishing, 1999.
- HASAN, Ruqaiya. Parte B: *In: Language, context and text*: aspects of language I a social semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images**: the grammar of visual design. London: Routledge, 1996.
- MARTIN, James Robert. **English text**: system and structure. Philadelphia; Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1992.
- MARTIN, James Robert; WHITE, Peter R. R. **The Language of evaluation**: appraisal in english. London: Palgrave; Macmillan, 2005.
- MENDES, Wellington Vieira. A Perspectiva sistêmico-complexa na relação com os estudos da linguagem: experiência com textos acadêmicos. **Diálogo das Letras**, v. 7, n. 1, p. 21-40, jan./abr. 2018.
- MENDES, Wellington Vieira. **As Circunstâncias e a construção de sentido no blog**. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2010.
- MENDES, Wellington Vieira. **Mecanismos de junção em textos acadêmicos**: uma abordagem sistêmico-funcional. 2016. 293 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

MENDES, Wellington Vieira; SOUZA, Medianeira. Linguística Sistêmico-Funcional: contextos, usos e significados. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, v. 8, n. 2, p. 603-619, jul./dez 2019.

NEVES, Maria Helena de Moura. Os advérbios circunstanciais de lugar e de tempo. *In*. ILARI, R. (org.). **Gramática do português falado**. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1996. v. 2.

SILVA, Francisco Canindé. **Práticas pedagógicas cotidianas na EJA: memórias, sentidos e traduções formativas**. 2016. 221 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VIAN JUNIOR, Orlando. Linguística Sistêmico-Funcional. *In*: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). **Ciências da linguagem: o fazer científico**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. p. 423-444.

VIAN JUNIOR, Orlando. Os Multiletramentos e seu papel no conhecimento de professores de línguas: por uma perspectiva sistêmica e complexa. **Revista DELTA**, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 351-368, 2018. Edição especial.

VIAN JUNIOR, Orlando; MENDES, Wellington Vieira. O Sistema de conjunção em textos acadêmicos: os mecanismos de sequenciamento e de explicação. **Revista do Programa de Pós-graduação em Letras**, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 163-186, jan./jun. 2015.